

## **HABITAÇÕES EM BARRO: Patrimônio Cultural e descolonialidade no Povoado Barreiro do Café, São Raimundo Nonato. Piauí. Brasil**

**1- OLIVEIRA, Cícero Ney Pereira de.**  
Mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural  
Universidade Federal de Pelotas- UFPEL

**2- FERREIRA, Lucio Menezes. Prof. Dr.**  
Departamento de Antropologia e Arqueologia  
Instituto de Ciências Humanas, UFPel Coordenador  
do Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material  
(LEICMA) Pesquisador do CNPq (Pq 2)

### **Resumo**

O que foi convencionou-se como patrimônio edificado, difundido e amplamente aceito no Brasil, é representado na maioria das vezes pelos grandes casarões e estabelecimentos elitistas que remontam à época colonial e imperial e até mesmo a projetos do início do século XX. Logo, a legitimação do mesmo infere no processo de autoafirmação do indivíduo, apresentando-se como instrumento e objeto de poder; refletindo-se problematicamente na questão do patrimônio arquitetônico brasileiro, representado por uma minoria. A arquitetura espontânea em terra, entendida aqui como patrimônio edificado e patrimônio cultural, é encontrada nos sertões brasileiros como uma alternativa de construção economicamente viável ao sertanejo autóctone. Nesse sentido trabalhamos com edificações em taipa e barro na comunidade rural barreiro do café através do discurso descolonial como lugar de representação do patrimônio e memória de um povo.

**Palavras- chave:** Arquitetura popular. Identidade. Memória. Patrimônio. Comunidades, descolonização.

## Introdução

Este trabalho está direcionado em dois eixos, a saber: a pesquisa e a divulgação/disseminação do conhecimento científico, e tem como objetivo o estudo do patrimônio e das identidades da comunidade rural Barreiro do Café situada nas proximidades da cidade de São Raimundo Nonato, sudeste do Piauí.

A pesquisa se desenvolve na área da Preservação Patrimonial que abrange o estudo da arquitetura vernácula entendida como patrimônio edificado. Estudamos os registros das memórias e das identidades da área aqui contempladas sob o aspecto da relevância deste patrimônio no cotidiano das comunidades e de suas práticas sociais.

Esse trabalho aborda a abrangência patrimonial de acordo com a afirmação de Poulot (2005)

O termo "patrimônio" remete, portanto, desde a sua origem, a esse "bem de herança", que, como escreve Littré, "passa, seguindo as leis, dos pais e das mães aos filhos". Patrimônio não invoca *a priori* um tesouro ou uma obra-prima, tanto quanto não provém *stricto sensu* da categoria de verdadeiro e falso, cara às ciências, mesmo que ele deva alegar uma autenticidade. Dessa forma, na retórica das lutas identitárias, as evocações do passado não coincidem, como foi frequentemente observado, com as análises do historiador, do etnólogo ou do arqueólogo. Mas pouco importa: mesmo desprovidas de realidade, e até de verossimilhança, elas mostram regularmente eficazes.

Nesse sentido na comunidade rural Barreiro do Café, Imagens e palavras, pedras e espaços imaginados e vivenciados, considerados como formas de escritas que se articulam para construir a memória da comunidade, mas que, por outro lado, torna possível entender a comunidade como um lugar de memória. Ampliando o conceito de escrita estabelecemos um diálogo entre essas mais diversas formas de expressão, o que nos ajudou no resgate da experiência de habitar a zona rural no semiárido. É uma tentativa de aproximar o ato de edificar espaços concretos com narrativas que os resignifica, dando-lhe o sentido de lugar.

A leitura de patrimônio trabalhada aqui tem o intuito de, através dela, empoderar a memória dos grupos sociais historicamente excluídos. Ela nos traz à tona instantes, através da "história oral", e formas espaciais pretéritas. Resgata, também, os discursos obliterados, subsumidos. Reconta histórias que muitas vezes estão distanciadas da lógica do discurso oficial. Na área em que atuamos como pesquisadores, entendemos patrimônio como lembranças, saberes e fazeres que se referem à vivência de cada indivíduo, mas que trazem imbuídas referências que remetem ao contexto maior da coletividade, ou da realidade social a que este indivíduo faz parte,

construindo a memória coletiva. Por esse motivo enfatizamos a importância da história individual na construção da história social e a memória coletiva. Também trabalhamos com a comunidade na medida em que abordamos seu patrimônio edificado, assim como a construção de suas identidades culturais. Na citada comunidade a formação das identidades culturais desenvolveram-se na conjuntura do que Escobar (2009) chamou de:

la producción de identidades y subjetividad a través de prácticas de discurso y poder; el análisis de la relación entre poder y conocimiento en la producción de lo real y la identificación de sitios y formas subalternas de producción de conocimiento, cuyo potencial para reconstrucciones de mundos puede entonces ser alimentado; las dinámicas culturales de hibridación que, según algunos, caracterizan las sociedades modernas en América Latina; y un delineamiento de la modernidad como configuración cultural y epistémica particular.

Os autóctones da comunidade rural Barreiro do Café, não edificam suas moradias a partir do concreto armado e cimento, ao contrário a mais de 200 anos edificam suas habitações com a técnica construtiva híbrida (Negro, indígena e europeu) com material, madeira e barro, algo retirado do entorno das suas casas. Essa prática torna a construção economicamente viável haja vista a dificuldade financeira enfrentada no sudeste do Piauí. As dinâmicas culturais do construir e produzir fora da lógica do capitalismo perverso tal qual o mesmo é, configura-se como resistência ao mundo moderno e sua particular epistemologia.

O tema da Memória é crucial no momento de estudar o patrimônio, e se caracteriza pela tentativa do homem em suplantar a morte. No que se refere ao nosso estudo o que se busca é reescrever e, ou reviver valores de um habitar que já não está ou que se encontra diluído no presente. As marcas do passado que dá existência ao presente. Portanto memória e esquecimento fazem parte da mesma dinâmica que define o estudo da preservação patrimonial.

Identidade pode ser entendida como a forma de representação com a qual, ou através da qual um grupo humano de qualquer tipo se percebe enquanto tal ou se constrói como sujeito social. É, também, poder e localização porque submete e classifica criando hierarquias societárias, mas, por outro lado, estabelece posições de poder e de representação social. Identidade é pertencimento e ruptura porque cria laços de integração intra-grupal e pode através da construção de um discurso autônomo e auto-referenciado construído por um grupo, classe, etnia ou outros similares romper com o poder hegemônico de uma sociedade. Bauman (2005)

Uma identidade pode ser polarizada como figura-espelho de outro discurso identitário ou se estabelecer como lugar de representação e, por tanto, ser multirrelacional com os vários

campos/lugares discursivos. Segundo o discurso da Modernidade as identidades são fixas e localizadas. Já para o discurso pós-moderno, estas são fluidas e transitórias. A perspectiva discursiva pós-colonial/descolonial, todavia, pensa as identidades como processos transitórios, mas com um lugar de fala não fixado nem bem definido, podendo, assim, construir discursos marcados de poder. Cada uma destas perspectivas discursivas representa uma possibilidade interpretativa dos processos sociais e nos dá visões diferenciadas sobre o que seja identidade.

### **Arquitetura Vernácula como Patrimônio.**

É senso comum a ideia de que o conceito de patrimônio é uma construção social. Por outro lado, a noção de patrimônio edificado, difundida e amplamente aceita no Brasil, é representada na maioria das vezes pelos grandes casarões e estabelecimentos elitistas que remontam à época colonial e imperial e até mesmo a projetos do início do século XX. Logo, a legitimação da mesma infere no processo de autoafirmação do indivíduo, apresentando-se como instrumento e objeto de poder, o que reflete na questão do patrimônio arquitetônico brasileiro, representado geralmente por um grupo social minoritário.

A arquitetura de barro, entendida aqui como patrimônio edificado e patrimônio cultural, é encontrada nos sertões brasileiros como uma alternativa de construção economicamente viável em relação ao modelo de construção moderno atual, apresentando-se também como símbolo de tradição e cultura, formadora de suas próprias memórias e identidades. Seu valor transcende os aspectos físicos e estéticos.

A arquitetura em barro tem se configurado como importante e rico registro de um saber popular que foi, ao longo do tempo, amadurecendo e encontrando respostas lógicas e criativas para necessidades concretas no âmbito da organização espacial e das técnicas construtivas. Cultura milenar, ela chaga até à atualidade praticamente inalterada, sendo aprimorada com o tempo, e sempre segundo as especificidades locais. São exemplos de conhecimentos técnicos acumulados ao longo de anos de práticas e experiências locais passadas de geração em geração através de tradição oral. Nesse sentido nós o consideramos aqui como patrimônio a ser preservado. No entanto esse conhecimento está se perdendo, sendo substituído por materiais industrializados como o cimento, muitas vezes com soluções tão inadequados para região.

Trabalhamos o desenvolvimento de pesquisas criteriosas que incluam em suas análises os rituais associados a esta arquitetura como é o caso da comunidade Barreiro do Café, e a divulgação

de seus valores para a comunidade e sua relação com o meio ambiente.

Denominada cientificamente de arquitetura popular, a casa de taipa e barro, habitação de origem híbrida como portuguesa, africana e indígena. (Fig. 1) É encontrada nos sertões brasileiros como uma alternativa de construção economicamente viável em relação ao modelo de construção moderno atual, apresentando-se também como símbolo de tradição e cultura, formadora de suas próprias memórias e identidades. Silva Filho (2007)



Fig. 1 Arquitetura em barro, Barreiro do Café. Foto: Carlos Rocha, 2013.

Material encontrado em abundância em muitas das regiões do Brasil, a terra crua foi sempre utilizada na construção civil até a atualidade. No Nordeste brasileiro essa alternativa não é exclusiva da zona rural, sendo encontrada nos centros urbanos de pequenas e médias cidades.

Segundo a ONU um quinto da população mundial vive em casas de barro. No entanto esse tipo de arquitetura foi sendo sistematicamente desvalorizada em favor dos materiais industrializados considerados por muitos como mais dignos por representarem uma lógica de desenvolvimento e progresso.

Além disso, a formação da maioria dos arquitetos e engenheiros não contempla disciplinas que tenham como preocupação e interesse as técnicas construtivas tradicionais. É uma arquitetura que sempre foi considerada descartável por sua simplicidade. Vítimas desta mesma mentalidade, os proprietários e herdeiros atribuem pouco valor a esse tipo de patrimônio, considerando-o insalubre,

inseguro e esteticamente inferior. Símbolo de pobreza e atraso a construção em terra tem sido esquecida, e o resultado disso é o desinteresse em desenvolver pesquisas sobre o tema, a limitada publicação de obras especializadas e, conseqüentemente seu absoluto ao deterioro.

Por outro lado, nem mesmo os especialistas que trabalham na área da preservação patrimonial conseguem definir ações concretas para a preservação das técnicas tradicionais construtivas e das edificações. Esse saber popular nem é sequer considerado como patrimônio. Dessa maneira a arquitetura em barro já se configura como um elemento fantasmagórico, ruínas esquecidas que compõe a paisagem de muitas localidades do Nordeste brasileiro sejam na zona urbana ou na zona rural. (Fig. 2)



Fig. 2 Ruínas na zona rural próximo a cidade de São Raimundo Nonato. Foto: Carlos Rocha, 2013.

### **Comunidade Barreiro do Café**

Os habitantes das moradias de taipa e barro estão muitas vezes afastados dos centros urbanos, e localizados em áreas de vulnerabilidade social. Neste contexto de exclusão, o caminho para afirmação e legitimação de identidade e memória coletiva dos grupos subalternos é árduo, cheio de obstáculos e cercado de preconceitos.

A comunidade rural Barreiro do Café, está localizada a 10 km do município de São Raimundo Nonato- PI, no Sudeste do Piauí. Semiárido Nordestino onde predomina a formação vegetal da Caatinga<sup>1</sup>, bioma ameaçado em todo o Brasil. Muitas das comunidades que vivem na

---

<sup>1</sup> Caatinga: tipo de vegetação xerófila, característica do Nordeste brasileiro, constituídos de espinheiros,

zona rural desenvolvem suas atividades econômicas de subsistência neste ambiente. É a caatinga também que fornece matéria prima para a construção de suas moradias, tornando possível às comunidades tradicionais com poucos recursos financeiros a construção da casa própria.

Atualmente na Comunidade Barreiro do Café foi construído um total de onze unidades, todas da mesma família. Essas foram levantadas por seu Antonio, patriarca da família que usou a técnica construtiva de taipa e barro, ou taipa de mão. Em bom estado de conservação encontra-se habitadas desde então, resistindo às campanhas lucrativas impostas pelo modelo de construção moderno. Carregada de simbologia, memória e identidade a arquitetura de terra se revela como patrimônio nesta conjuntura de exclusão.

Todo o material utilizado na sua construção foi retirado do local, o que define sua forma. Com poucas aberturas, apenas duas portas de acesso na fachada principal e na fachada dos fundos, a casa não possui janelas, o que a protege do calor escaldante da região. Na leitura de Foucault (1999) sobre panóptico, podemos fazer outras interpretações sobre uma casa sem janelas, no entanto não é aqui o caso aprofundar-nos nesse assunto. No semiárido nordestino, região com poucas precipitações, é muito comum a construção de sistemas de armazenamento de água para enfrentar o longo período de seca. (fig. 3)



Fig. 3 Sistema de captação de água da chuva na Comunidade Barreiro do Café. Foto: Cícero Oliveira, 2013.

A unidade familiar nos traz uma estrutura material que representa características próprias do morar do sudeste do Piauí e seus hábitos culturais. Como economia de subsistência tem a produção

---

árvores pequenas que perdem as folhas durante a estação seca.

artesanal da farinha de mandioca. Planta-se a mandioca nas proximidades das casas. Ao fundo da casa, numa grande área chamada terreiro estão distribuídos todos os equipamentos necessários para a produção da farinha de mandioca, (Fig. 4) que é feito por toda a família em um ritual bastante festivo.



Fig. 4 Terreiro com os equipamentos utilizados na produção da farinha. Foto: Cícero Oliveira, 2013.

O preparo vai desde a colheita da mandioca, em seguida descasca-se, lava e rala. Existem diversos modos de ralar a mandioca artesanalmente: usando um tronco jovem de Angico; um ralador de metal; um ralador de tambor, um desintegrador, etc. A massa da mandioca ralada é depois lavada para extrair a tapioca (polvilho) (amido puro) da mandioca. Esse é um processo não obrigatório, mas é comumente feito, pois a tapioca é um produto de bom preço e muito apreciado. A massa passa em seguida para a prensagem, para retirar o máximo de umidade da massa ficando mais fácil o processo posterior de secagem. Existem diversos modos de prensas.

Na fase seguinte a massa é passada numa peneira grossa para facilitar o processo de secagem e resultar numa farinha mais fina. A parte que não passa na peneira, chamada de crueira, pode ser usada para alimentar os animais, ser usada diretamente em receitas ou voltar ao desintegrador para ser ralado novamente. Em seguida a massa solta é colocada no forno para secagem. O forno pode ser feito de chapa de ferro - redondo, retangular - ou mesmo de lajes de pedra juntadas com barro. (Fig. 5)





Fig. 5 Vista frontal do forno mostrando a chapa.



Fig. 6 Vista posterior do forno.

O calor normalmente é provido por lenha colocada debaixo da chapa. (Fig. 6) A massa pode ser mexida por pás mecânicas ou manualmente. No caso na comunidade Barreiro do Café a massa é misturada manualmente com um rodo de madeira. Essa é a fase que exige maior experiência e atenção, pois são muitos os detalhes para um processo bem sucedido: intensidade do fogo, rapidez no mexer, a quantidade de massa por lote, o ponto certo da farinha, etc. A farinha está pronta! É só esfriar e ensacar. Aproveita-se a oportunidade e o forno para fazer um pouco de beiju para os trabalhadores do mutirão. O labor era uma festividade.

*O povo cantava música de roda, repente. Os puxadores, homens que operavam as rodas, gostavam de tirar onda comigo, 'Oh Maria Preta, rancho de beira no chão. Oh, larga o marido das outra vai tirar teu algodão Maria', eram puxando a roda e cantando.<sup>2</sup>*

Todo processo de produção da farinha de tapioca é montada pela comunidade para atender uma necessidade de subsistência. Muitas dessas comunidades tradicionais são formadas por diversas famílias. Geralmente cada casal possui muitos filhos que ajudam no labor, o que corrobora com a consolidação de tal atividade econômica na medida em que fortalece os laços familiares. Essa mesma composição familiar forma o caráter da comunidade em escala maior, tornando-a uma grande família, o que ajuda a consolidar a estrutura de produção. São várias unidades familiares independentes que mantêm cooperação entre si criando cumplicidade e laços culturais fortes. Com o tempo vão criando raízes, e nesse sentido ela tem força para se manter ao longo do tempo, criando suas próprias tradições.

O saber popular é uma tradição regional que é transmitida através da oralidade. Nesse sentido podemos dizer que aqui na comunidade tradicional Barreiro do Café o passado é atualizado

---

<sup>2</sup> Trecho de entrevista concedida ao autor. 04/09/2013.

constantemente através das atividades cotidianas, e assim vão construindo fortes laços culturais e afetivos. Ainda que alguns elementos da produção econômica da farinhada se modifiquem ao longo do tempo e de acordo com a região, sua estrutura se mantém. Não há uma ruptura com o passado. A tradição tem esse poder, o de ligar o presente ao passado, de manter o passado na dinâmica do presente, e ela é resignificada, reatualizada o tempo inteiro na vida vivida. Valores culturais que são estimados constantemente na dinâmica do fluir cotidiano.

Atualmente o que tem acontecido numa lógica moderna, e até da sistematização da produção do espaço, seja ele da arquitetura ou da cidade, é a ruptura com esse passado que se dá de diferentes maneiras. Busca-se criar modelos, ou um modelo ideal rompendo com a dinâmica social onde a tradição dessas comunidades ainda tinha um grande papel na sua estruturação. E nesse sentido se fragiliza essas mesmas comunidades tradicionais. Quando se pega um modelo sistemático e engessa se quebra o movimento da vida que está no cotidiano daquela mesma comunidade, inviabilizando as mudanças, a criatividade, o improviso, a imperfeição que são elementos naturais da vida. Isso é a morte, porque vida é movimento. Aqui há uma ruptura com o a tradição criando ansiedade e tensão. Não se reconhece mais os valores culturais que a formou tendo que se adaptar a uma nova estrutura artificial na medida em que não nasce de dentro da estrutura social, mas sim imposta a ela; A vida tem que se amoldar ao modelo e não o modelo que vai se atualizando com o movimento da vida.

Muitas dessas comunidades tradicionais foram deslocadas de seu lugar de origem a outras regiões para, segundo o discurso desenvolvimentista ainda atual, dar lugar a grandes empreendimentos de interesse econômico para o país.

## **CONSIDERAÇÕES E RESULTADOS.**

Acerca das construções edificadas em barro na comunidade rural Barreiro do Café, constatamos, que as mesmas foram construídas com material de taipa e barro, este retirado do seu próprio entorno (caatinga). A técnica de construção aplicada nas citadas residências é tradicional no nordeste brasileiro e não comporta elementos acadêmicos da arquitetura oficial. Através da leitura de autores como Gunter Weimer verificamos que as construções em taipa e barro encaixam-se na técnica construtiva vernácula, ou seja, construções feitas sem acompanhamento de engenharia e arquitetura oficiais.

Concluimos que as moradias pesquisadas estão em perfeitas condições de habitação: existe conforto térmico do arejamento e o seu material é muito resistente; no entanto, há um forte empecilho ao bem estar dos moradores da residência e demais moradores do povoado Barreiro do Café, pois constatamos que existe um lixão a céu aberto que fica a poucos metros da comunidade, este causa inúmeros problemas para as pessoas que habitam o seu entorno. Esse lixão desobedece à lei N° 12.305/2010 que complementa a lei N° 9.605/1998 de segurança sanitária que propõe a deposição de resíduos sólidos em aterros sanitários, e não a céu aberto. Em consequência disso, tanto a saúde dos moradores quanto as relações sociais estão sendo afetadas, já que as pessoas não suportam o odor do lixo e o fato de permanecerem mais reclusos em suas moradias minimiza-se os laços extra núcleo familiar, ou seja dificulta a aproximação com outras pessoas moradoras em outras residências, os moradores da comunidade afirmam que ficar em casa com as portas fechadas minimiza o cheiro fétido do lixo.

Em meio a inúmeros problemas, os habitantes da comunidade rural Barreiro do Café e suas famílias resistem e insistem em um estilo de vida tradicional: plantando, colhendo e alimentando-se da produção de subsistência; ao menos em parte, já que alguns produtos não estão mais sendo plantados devido a fatores como a seca e a falta de políticas públicas que viabilize um canal de agricultura sustentável: a irrigação seria uma alternativa para amenizar os problemas dos habitantes da supracitada comunidade.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BARDA, Marisa. **Espaço (Meta) Vernacular na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CUNHA, José Celso. **A História das Construções**. 02 vols. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ESCOBAR, Arturo. **cultura, ambiente y política en la antropología contemporânea**: Colombia-Printed in Colombia, 1999.
- FOUCAULT, Michel. O Olho do poder. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão* Petrópolis, Vozes, 2004.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, JACQUES. **História e Memória**. Editora Unicamp, 5ª edição. 2001.
- NOVAES, Sylvia Caiuby (Org). **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. 1992.
- POULOT, Dominique. **Um ecossistema do patrimônio**, (2008)
- SILVA FILHO, Olavo Pereira de. **Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2007.
- WALDMAN, Mauricio. **Meio Ambiente & Antropologia**. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- WEIMER, Gunter. *Arquitetura popular brasileira*. (2005) São Paulo: Martins fontes (raízes).
- ZIGMUNT, Bauman. **Identidade**. Jorge Zahar. Segunda edição 2005.